



REGIONALIDADE E GÊNERO SOCIAL EM SIMÕES LOPES NETO: A CARACTERIZAÇÃO DO FEMININO ENQUANTO CONCEPÇÃO DO ESPAÇO REGIONAL MASCULINO

Salete Rosa Pezzi dos Santos¹ e Karen Gomes da Rocha²

DOI:10.17074/1980-2552.2016n17v1p114

RESUMO:

O presente ensaio aborda, sob a perspectiva da regionalidade, questões inerentes à temática da literatura regional e regionalista, localizando a obra *Contos gauchescos* num espaço definido como *terra natal*, o pampa gaúcho, na perspectiva de Schumann (2013). Essa concepção do espaço regional vem a colaborar para o estabelecimento do mito do tipo gaúcho, através da busca pela unificação de particularidades inerentes ao estereótipo gauchesco masculino, assim como reforça o *status* excludente daqueles que com o meio não se identificam: o estrangeiro, o brasileiro, a mulher, etc. Em relação ao gênero social, analisa-se o papel da personagem feminina Tudinha, no conto intitulado “O negro Bonifácio”, como a mulher que, através da representação feita pela visão masculina de Blau Nunes, é tida como contradição do mundo social estabelecido.

PALAVRAS-CHAVE: *Contos gauchescos*; Simões Lopes Neto; terra natal; gênero social; “O negro Bonifácio”.

ABSTRACT:

This paper addresses, from the perspective of regionality, matters inherent to the subject of regional and regionalist literature, placing the work *Contos gauchescos* in a space defined as *hometown*, the gaúcho pampa, in the view of Schumann (2013). This conception of regional space comes to work for the establishment of the myth of the gaúcho type, through the search for the unification of peculiar characteristics to the male gaúcho stereotype, and reinforces the excluding status of those with the space do not identify: the foreigner, the Brazilian, the women, etc. In relation to the social gender, it is analyzed the role of the female character Tudinha in the short

1 Professora Adjunta III da Universidade de Caxias do Sul.

2 Universidade de Caxias do Sul.

story entitled “O negro Bonifácio”, as the woman who, through the representation made by the male view of Blau Nunes, is seen as a contradiction of the established social world.

KEYWORDS: *Contos gauchescos*; Simões Lopes Neto; homeland; social gender; “O negro Bonifácio”.

Artigos de fé do gaúcho

[...]

11º *Mulher, arma e cavalo do andar, nada de emprestar.*

12º *Mulher, debomgênio; faca, debomcorte; cavalo de boaboca; onça, debom peso.*

13º *Mulher sardenta e cavalo passarinho... alerta, companheiro!*

[...]

21º *Quando falares com homem, olha-lhe para os olhos; quando falares com mulher, olha-lhe para a boca... e saberás como te haver...*

Simões Lopes Neto

Nesta terra de centauros, a feminilidade é temida.

Donaldo Schüler

Simões Lopes Neto marca a literatura sul-rio-grandense através da expressão legítima de uma região³ muito particular em sua obra *Contos gauchescos*, a qual, editada pela primeira vez em 1912, compõe-se de uma coleção de 19 contos que têm como ambientação o pampa gaúcho. Acrescenta-se à noção de região a concepção de que:

No discurso literário, debate-se o que deve ser reconhecido como específico de uma região e seu ‘caráter’ – como delimitação em relação a outras regiões e suas identidades -, e o que se deveria preservar e fortalecer no âmbito da sociedade, da vida cultural e da política. As regiões e suas características são representadas na literatura; por sua vez, essa representação que surge na cabeça do leitor, e vai além, colabora para formar e estilizar a imagem da respectiva região (STÜBEN, 2013, p. 40).

Tal ideia de região, representada no universo ficcional, é delineada através da estrutura narrativa da obra simoniana, a qual está, em consonância com Flávio Loureiro Chaves, “na dependência do ponto de vista de Blau Nunes justamente porque Simões Lopes Neto elaborou a expressão da realidade a partir desta dimensão da *visão ‘com’*, que privilegia o *eu* da personagem central ao atribuir-lhe a faculdade da narração” (1982, p. 225), a qual, não apenas inclui a obra no regionalismo, mas que, ao incorporá-lo, “tenha conseguido dialeticamente ultrapassá-lo para expressar uma *visão de mundo*” (CHAVES, 1982, p. 16). Verifica-se que, ainda assim, os *Contos gauchescos* são

expressão do regional e traduzem uma ideologia regionalista, porque delineiam intencionalmente um espaço físico particularizado dentro duma prosa mimética; mas, sobretudo, porque nele representam um mundo e um código social que se encerram em si mesmos. Se obtivermos uma visão panorâmica, constatar-se-á que na divisão maniqueísta deste mundo social há os “de fora” e os “de dentro”, erguendo uma barreira quase intransponível entre o território privilegiado do pampa e o que está situado além de suas fronteiras, distinguindo o *gaúcho* de todos os outros, inimigos ou forasteiros

3 Conforme Pozanato (2003, p. 152), uma região “é constituída, portanto, de acordo com o tipo, o número e a extensão das relações adotadas para defini-la” e, ao citar Paul Bois, em relação à discussão do que se faz a região, se é o espaço, o tempo ou a história, assevera: “é a história. Se a região se apresenta como um espaço, ela é um espaço definido por uma história diferente da do espaço vizinho e externo. Essa ênfase na história como fator constituinte da região remete para a importância maior dos fatores sociais em confronto com os fatores de ordem física ou da *paisagem*. Mas remete, principalmente, para uma visão sistêmica da regionalização como processo” (idem).

Diadorim, Rio de Janeiro, Revista 17 volume 1, p. 114-128, Julho 2015.

(CHAVES, 1982, p. 14).

Assim, são as particularidades presentes no texto que o unificam enquanto obra literária regional⁴/regionalista⁵, e que se justifica através da

‘Literarização da região e regionalização de sua literatura’ (e regionalização da região, ou seja, a adaptação da região a ela em uma literatura regionalizada de uma imagem literarizada) frequentemente estão entrecruzadas até o ponto de uma indissolubilidade (JOACHIMSTHALER apud STÜBEN, 2013, p. 40).

Guilhermino César, ao chamar a atenção para a riqueza vocabular presente na obra, aponta que:

Simões Lopes parece ter desenterrado um léxico perdido de há muito no chão da campanha; pôs na boca do peão cousas esquecidas; ressuscitou termos; expressões e modismos do tempo em que as fronteiras do Sul oscilavam dia a dia, conforme a estrela das armas portuguesas ou castelhanas” (1971, p. 329).

Incorporada através da perspectiva do protagonista Blau Nunes – ele conta, segundo seu modo próprio de falar, as histórias e, em consonância com César (1971), acrescenta-se a ideia de que:

Só então a oralidade da fala da região transporta-se de modo natural para a literatura, neutralizando a distância, até então persistente, entre o mundo do narrador e o das personagens. Junto com a linguagem, introduz-se a visão que o homem do campo tem de sua realidade circundante, carregada de elementos lógicos e mágicos, racionais e sagrados, segundo uma experiência mítica característica daqueles que ainda vivem muito próximos da Natureza. [...] [...] o escritor desnuda o modelo idealizado do Regionalismo, não por denunciar seu convencionalismo e artificialidade, mas por recuperar sua origem popular, nômade e guerreira, à época da formação da sociedade sulina, quando o gaúcho podia acreditar-se indomado como a natureza que o cercava (ZILBERMAN, 1985, p. 29).

Esse modo de falar, calcado na oralidade, expressa a aproximação do universo ficcional com a construção da identidade regional, conduzindo o interlocutor em uma jornada no tempo e no espaço, cujo texto é permeado pela linguagem regional, também unificadora para a região, em que a criação deste “novo mundo”, mesmo ao ancorar-se nos elementos locais, deles não depende. Simões Lopes Neto, conforme preconiza Stüben [quando teoriza em relação aos autores de língua alemã], não é apenas testemunha da época, mas é também testemunha do espaço

4 A *Literatura Regional* (em sentido programaticamente referente à região do produtor, escrito com maiúscula!), consoante Joachimsthaler (2009, p. 34), “exige do *regional* (e se necessário também contra ele) a construção de um modelo de cada região, que ou pretende instituir a identidade coletiva para os habitantes dessa região (no caso de antigos expulsos) ou pelo menos expressar uma identidade única, coletiva, pretensa ou realmente já existente (ou ainda com intenção se distanciando criticamente)”, em que essa definição de *Literatura Regional* “interessasse pelos elementos semânticos formadores de sentido, que produzem uma consciência regional esteticamente comunicativa em si mesma”.

5 A obra de Simões Lopes Neto, em discussão entre teóricos, viria a se caracterizar como regional e não regionalista. Para Candido (1964), o humano cederia lugar ao pitoresco no regionalismo, sendo o homem peça da paisagem. A mesma concepção de regionalismo é exposta por Zilberman (1982), em que uma obra condensaria a supremacia do meio sobre o indivíduo, sendo este produto do espaço. Pensando-se em *Contos gauchescos* (1912), comparativamente com outras obras tidas como regionalistas, aqueles transcendem o “âmbito forçosamente restrito ao regionalismo” (MIGUEL-PEREIRA, 1988, p. 218), posto que não há primazia da região sobre o homem, conquanto os “causos” teriam cunho regional, devido ao substrato humano presente no texto. Na dissertação de Geneviève Faé, intitulada *A mulher em Simões Lopes Neto e em Jorge Luis Borges: uma ausência presente?* (PPGLET – UCS, 2011), apresenta-se uma argumentação e discussão muito pertinente acerca da classificação da obra de Simões Lopes Neto em regional ou regionalista (vide Referências).

(2013, p. 41) e das peculiaridades linguísticas:

Cuê-pucha!... É bicho mau, o homem! (“O boi velho”, p. 47)

Veja vancê; sempre a estrangeirada, especulando cousas de que a gente nem fazia caso...

Eguada xucra, potrada orelhana, isso, era imundície, por esses campos de Deus; miles e miles!... (“Correr eguada”, p. 51)

Não sei si era inveja, ou intrigas ou queixas ou ganas que alguns lhe tinham. As cousas foram-se parando embrulhadas na tal assembléa e uma feita, não sei por que chicos pleitos o general e o coronel Onofre Pires tiveram um desaguisado; o general deu as costas, num pouco caso e o coronel saiu, num rompante, batendo forte os saltos dos botins. (“Duelo de farrapos”, p. 100).

Na concepção de Joachimsthaler, a “região” (também concebida como “pátria”) (2009, p. 30-31) vem a ser um espaço cultural para aqueles que nela nasceram ou que para ela se dirigiram,

por meio da consciência de sua particularidade, por meio do desenvolvimento do acúmulo cultural casual num sistema de (auto-)criação, num ‘espaço significativo’, num modo de expressão – tratado e elaborado de forma linguística, artística e/ou jurídica – de uma existência situada espacialmente.

Na obra em questão, estabelece-se o tipo regional, peculiar, na figura de Blau Nunes:

E, do trotar sobre tantíssimos rumos: das pousadas pelas estâncias; dos fogões a que se aqueceu; dos ranchos em que cantou, dos povoados que atravessou; das coisas que ele compreendia e das que eram-lhe vedadas ao singelo entendimento; do pêlo-a-pêlo com os homens, das erosões da morte e das eclosões da vida entre o Blau – moço militar – e o Blau – velho, paisano –, ficou estendida uma longa estrada semeada de recordações – casos, dizia –, que de vez em quando o vaqueano recontava, como quem estende ao sol, para arejar, roupas guardadas ao fundo de uma arca. [...]

Patrício, escuta-o. (LOPES NETO, 2002, p. 16) .

O espaço cultural presente em *Contos gauchescos*, não concebido de forma especular, pode ser tido como o pampa gaúcho, espaço significativo para o desenrolar da narrativa e das vivências das personagens, cujas reflexões giram em torno do ser humano. Esse espaço/região, por sua vez, ainda em conformidade com Joachimsthaler (2009), pode ser dividido, conceitualmente, em “região” político-jurídica – “muitas vezes marcada por ‘engajamentos identitários’ manipuladores” -, e em uma região cultural-literária, por outro lado e embaixo. Na verdade, ambas complementam-se e imbricam-se como instrumento de fomento à criação do mito do gaúcho, visto que ele, não sendo apenas mero produto do meio, identifica-se com o espaço ocupado, transforma-o, vive-o e nele se estabelece, posto que:

A condensação do espaço cultural num espaço significativo [...] pressupõe, (pelo menos) um sujeito semantizador, que atribui à região uma particularidade como seu sentido. Este sentido constrói identidade, lealdade, proteção e pertencimento, garante e une, prende e protege. Ele consolida mitos regionais (muitas vezes presos a tipos de identificação carregados simbolicamente), estereótipos próprios, mas também ritos e hábitos, particularidades linguísticas e modos de comportamento formadores de hábitos (modos essenciais formados pela corporeidade e formas de tempo livre, até a forma de processos de reação a gestos e feições reagentes à psique e ao espírito) no sujeito e empresta estabilidade ao seu estar presente no local correto” (JOACHIMSTHALER, 2009, p. 31).

Apresenta-se como “sujeito semantizador” de todos os preceitos a figura do narrador/personagem Blau Nunes, o qual estabelece o núcleo da narração, permitindo a formulação de um mito de origem através de um passado concebido como comum à determinada comunidade, alian-

do-se à ideia de coletividade:

A memória é certamente uma memória coletiva que restabelece o tempo histórico e, assim, os acontecimentos decisivos que traçam a crônica de uma determinada região, o pampa. Mas também é a recordação da experiência individual, a recuperação autobiográfica que justamente seleciona e interpreta tais episódios, oferecendo-nos urna versão peculiar, banhada na subjetividade. Ora, tudo o que sabemos nos é dado exclusivamente através da perspectiva de Blau Nunes, constituído em narrador privilegiado de todos os *casos*. Assim, não há por onde dissociar as duas coisas, memória e recordação, ambas estão fundidas na elocução em primeira pessoa e relativizam pertinentemente uma à outra (CHAVES, 1994, s.p.).

A pátria gaúcha [o pampa] é simbolicamente o espaço que aglutina os relatos em torno de acontecimentos na Região da Campanha nos fins do século XIX, na qual, em conformidade com Chaves (1994, p. 224), não é mais importante o lugar, mas o “sinal” que o reveste de significação particular e permite nomeá-lo. A “Pátria”, como assevera Joachimsthaler,

significa para o “homem inevitavelmente territorial” o prender-se nesta particularidade inerente a ele juntamente com o seu próximo. Ele participa, antes de mais nada, desta particularidade pelo fato de que também ele a representa na sua vida. Ele se torna, assim, elemento visível da ação cultural da espacialidade coletiva maior, num caso de sorte (historicamente incomum) em que (co-) autor e obra são um só. Contanto que ele possa pelo menos pertencer (2009, p. 31-31).

A própria caracterização e apresentação do narrador/personagem, feita no “Prefácio” de *Contos gauchescos* pelo interlocutor, explicita o tipo gauchesco da narrativa que dá verossimilhança aos casos contados, especialmente por ter participado da história do Rio Grande, em que é abordada uma sociedade repleta de mitos e idealizações:

E, por circunstâncias de caráter pessoal, decorrentes da amizade e da confiança, sucedeu que foi meu constante guia e segundo o benquisto tapejara Blau Nunes, desempenado arcabouço de oitenta e oito anos, todos os dentes, vista aguda e ouvido fino, mantendo o seu aprumo de forriel farroupilha, que foi, de Bento Gonçalves, e de marinheiro improvisado, em que deu baixa, ferido, de Tamandaré. (LOPES NETO, 2002, p. 16)

Assim, utilizando-se da descrição do meio geográfico, da linguagem coloquial e do uso de características inerentes aos hábitos e costumes, ao calcar-se na tradição, a premissa ideológica presente nos contos diz respeito à manifestação de um sentimento de manutenção dos preceitos contrários a qualquer abertura para o progresso, para o exterior ou, ainda, para os antigos padrões de conduta (CHAVES, 1982, p. 15) e, contados pelo envelhecido vaqueano⁶ Blau Nunes [“Querido digno velho! Saudoso Blau!”], faz-se a manutenção da tradição.

Nos *Contos gauchescos* são narradas, mais especificamente, as aventuras de peões, soldados, estancieiros, e enfatizada a bravura, a lealdade e os aspectos particulares do ser e viver gauchescos, através do ponto de vista do personagem/narrador e que comporta, por sua vez, a trajetória dessa mesma personagem, e acabam por tipificar a *raça gaúcha*. Tem-se a preservação e enaltecimento do passado heroico, gerado pela tradição – em conformidade com Chaves, “em parte

6 Pessoa que conhece perfeitamente os caminhos e atalhos de uma região, podendo servir de guia aos que precisam percorrê-la. Pessoa que tem prática, habilidade, destreza, para qualquer trabalho ou arte. Tapejara (Extraído do *Minidicionário Guasca*, Zeno e Rui Cardoso Nunes).

histórica, em parte literária” (1982, p. 15) – e que corrobora a concepção de uma raça máscula, viril e em contraste com o elemento externo, isto é, a figura do gaúcho tradicional: o herói de múltiplas guerras. O regional vem a ser definido em contraposição ao nacional, ao estrangeiro, através de uma identidade percebida enquanto gauchesca em uma rede de relações que se estabelece no curso da obra de Simões Lopes Neto.

Delineiam-se, por conseguinte, questões inerentes às particularidades da obra, em que:

É necessário, pois, reconhecer nos *Contos gauchescos* [...] uma característica documentária que vai da linguagem dialetal aí incorporada até a fixação de um código ético específico, passando pelo registro histórico e a fotografia duma tipologia social. Tudo isto concorre para a definição do texto dentro do regionalismo. Tal era a tendência predominante não só no Rio Grande do Sul, mas em grande parte da literatura brasileira neste período (CHAVES, 1994, s.p.).

Se são reconhecidas tais particularidades na obra, “chamar-se-á pois regionalismo aquela representação do regional que obedece a um programa, a uma vontade de fazer, a um projeto elaborado segundo as convenções e a ideologia do que se pode denominar um movimento literário”. Em contrapartida, “o critério de regionalidade deve pois abarcar tudo aquilo que traz a marca do regional como uma forma do particular. [...] a regionalidade está na representação de um universo regional, feita segundo um modo de ser regional” (POZENATO, 1974, p. 20) e, como consequência, tem-se a identificação e descrição de “todas as relações do fato literário com uma dada região”, cujo conceito refere-se à regionalidade, conforme José Clemente Pozenato (2003, p. 155) explica.

Ao regionalismo, por sua vez, “pode ser identificado como espécie particular de relações de regionalidade: aquelas em que o objetivo é o de criar um espaço – simbólico, bem entendido – com base no critério da exclusão, ou pelo menos da exclusividade”. São as idiosincrasias que compõem o universo ficcional de *Contos gauchescos*, “que não é senão uma jornada pelo interior do Rio Grande do Sul durante a qual Blau Nunes, velho peão de estância e guerreiro vindo das guerras ‘do tempo do Oribe’, assinala os lugares e rememora *casos* para proveito de seu jovem companheiro e interlocutor?” (CHAVES, 1982, p. 70).

Em relação à obra, ainda no que concerne à concepção de regionalismo, Flávio Loureiro Chaves elucida:

Por um lado o relato do vaqueano logra dinamizar paisagens, registros folclóricos, crônicas históricas (isto é, a matéria morta do regionalismo) ao integrá-los no universo da experiência individual. Por outro lado, confere uma impressionante unidade ao conjunto dos episódios, estendendo entre todos uma espécie de fio subterrâneo. Tanto podemos ler as aventuras de Blau Nunes, enquanto episódios autônomos, como podemos lê-los também à maneira de um romance psicológico - a revelação do homem que recorda e, ao fazê-lo, ingressa numa solitária epopéia em busca da própria identidade (CHAVES, 1994, s.p.).

Para Rafael José dos Santos (2009, p. 3), o *regional* caracteriza-se como um “elemento significativo da representação de identidade”, o qual é “construído como traço distintivo do local, apropriando-se e reelaborando significantes que podem incluir da paisagem às práticas lingüísticas, da culinária à religiosidade e à origem comum”. Em *Contos gauchescos*, além dos elementos mencionados, apresenta-se a solidificação do mito do gaúcho, que recai, para Santos (2009),

no sentido de uma “cultura *regional*”⁷ fundamentada na associação mecânica entre, de um lado, um conjunto de valores, estilos-de-vida, práticas sociais, modos de fazer, saberes e artefatos culturais e, de outro, uma determinada territorialidade” (p. 4).

No texto simoniano há elementos que subsidiam e evidenciam uma ideologia laudatória da figura do gaúcho, de forma a estabelecer o mito, especialmente ao contrastá-lo com o elemento estranho ao meio/paisagem e que, de certa forma, delineia-se a concepção da “região como insularidade”, sendo-lhe atribuída uma “centralidade, um caráter irredutível à sua população, que passa a ser interpelada como *povo*”⁸, portadora de uma essência e uma autenticidade” (SANTOS, 2009, p. 4).

Supere-se, como tese, a concepção de “pátria” utilizada pelos gaúchos para caracterizar o torrão natal. Enquanto para Mecklenburg (2013, p. 174), *Heimat* (Terra natal) é entendida como origem territorial de indivíduos ou grupos e pode ser compreendida como *pátria* (*Vaterland*), conceitualmente relacionadas, para Schumann (2013, p. 238-239), existe a diferenciação entre os termos, em que *terra natal* significa um espaço pequeno, orientando-se contra os nivelamentos nacionais - “O territorial, o particular, expressa: com o regional pretende-se dizer *terra natal*” -, a palavra *pátria* “é usada com referência a *grandes* estruturas políticas, como a nação [...]; e *terra natal* é aplicada quando falamos sobre a nossa própria conexão regional”. Embora intercambiáveis para Mecklenburg (2013), parece-nos que a diferenciação de Schumann (2013) cabe à análise de *Contos gauchescos*, uma vez que *terra natal*, para o autor, é um fenômeno literário [referindo-se à realidade alemã e aqui também é cabível] e é porque, também, no texto simoniano, através da “construção de comportamentos ligados ao regional” (SCHUMANN, 2013, p. 241-242), apresenta-se como um processo que

vivifica essas paisagens com pessoas, com uma população – somente o convívio possibilita uma inserção no conceito *terra natal*. Dado que o aspecto natural, topográfico, é representado como imutável (e ao mesmo tempo tipificado: montanhas, mar, florestas – [no caso de *Contos gauchescos*, o pampa gaúcho]), o tipo étnico, da mesma forma, é imutável. A ênfase de tais harmonias nos textos literários proporciona, em relação ao público, uma garantia de estabilidade (social), uma vida erguida pela natureza e a segurança do *próprio*, que é inconfundível.

Mas esse sentimento de unificação de um povo, expresso em sua *terra natal* [o pampa gaúcho], através e ao longo da narrativa, também traz consigo uma outra ideologia, mesmo que seja proposta intrinsecamente uma “consciência regional”, a qual tem cunho segregador e não totalizante:

Entretanto, apesar do sentimento de totalidade propalado na ‘Apresentação’, no sentido de procurar abranger a diversidade natural e cultural do Rio Grande do Sul, Simões Lopes Neto restringe seus contos unicamente ao mundo da Campanha, como se o passado e o presente gaúchos fossem formados apenas pelo universo simbólico daquela região. Os eventos narrados, protagonizados ou testemunhados por Blau Nunes desenrolam-se na área geográfica dos campos sulinos, onde se desenvolveu a atividade pecuária” (ARENDE, 2010, p. 188).

Desse ponto de vista, a tematização, como proposta por Schumann (2013), “do cotidiano rural

7 Consoante Rafael José dos Santos, uma cultura “não se circunscreve ou se insere em uma região: ela a *escreve*, parafraseando Geertz, e os fios da teia da cultura são tecidos a partir de relações sociais” (2009, p. 14).

8 Em *Contos gauchescos*, como o povo gaúcho em sua totalidade.

e de certos códigos de moral, como lealdade, simplicidade, honestidade, etc.”, mesmo que vise à integração, coloca-se como fator de segregação, pois

tais representações de valor não passam somente por situações econômicas e jurídicas constituídas de regiões específicas, pois elas também agem como posições pré e extrapolíticas: um conhecimento constante, seja de cunho civil, camponês ou proletário, e suas formações de grupos ou partidos resultantes podem ser reprimidos em favor de um conjunto superior de valores, que se estende por todos os participantes da respectiva pequena sociedade. A integração do conceito *terra natal* a concepções morais coletivas serve também, dessa forma, para um nivelamento das potenciais tensões sociais (SCHUMANN, 2013, p. 246).

Se a obra de Lopes Neto, *Contos gauchescos*, inova ao dar voz ao vaqueano Blau Nunes, ao tipo popular, ela também é excludente, visto que o estrangeiro, o nacional e a mulher têm papéis “menores” na narrativa e, geralmente, são os motivos dos conflitos nos contos. Assim, para Arendt,

tal postura remete ao requerimento de uma identidade exclusiva e hegemônica – a campeira – para todos os habitantes gaúchos, numa mostra clara de que todos devem se conectar umbilicalmente àquela região do estado que, por seu passado supostamente heróico, reivindica para si o direito de síntese da gauchidade” (ARENDR, 2010, p. 188).

Na mesma linha, podem-se destacar as considerações de Regina Zilberman (1985, p. 27), no que concerne à obra: “[...] enquanto vigora a perspectiva autonomista e federalista no Rio Grande do Sul, vigora também o Regionalismo. Este, por sua vez, assume traços peculiares perante seus co-irmãos brasileiros, ao seguidamente apresentar o gaúcho como superior aos outros tipos humanos”: como o estrangeiro e o castelhano (“Deve um queijo”); o ilhéu (“Melancia - coco verde”); o brasileiro não rio-grandense, como o homem refinado e urbano (“Chasque do Imperador”).

A esses tipos humanos concebidos como menores em relação à superioridade do gaúcho homem, propõe-se que seja acrescentada a representação da figura feminina. Dos dezenove contos, a mulher aparece em oito deles, estando no centro da narrativa (como em “O negro Bonifácio” e “No manatial”) ou, mais substancialmente, no papel de coadjuvante (“Os cabelos da china”, “Melancia coco verde”, “Contrabandista”, “Jogo do osso”, “Duelo de farrapos” e “Penar de velhos”), em que em alguns deles as personagens têm nome e, em outros, apenas a sua caracterização. A voz narrativa estabelece que “ao localizar os seus casos num passado distante, mas pleno de heroísmo, valentia e honradez, Blau Nunes, na verdade, sacraliza esse tempo como um mito unitário e, assim fazendo, trai uma postura romântica simultaneamente nostálgica e idealizadora” (BITTENCOURT, 1999, p. 26).

À explanação de Bittencourt (1999) faz-se uma ressalva: não é traída a postura romântica, mas antes é possível conceber que tal posicionamento seja, em realidade, trazido à tona na narrativa, pois a visão masculina do narrador/personagem, ao prestar seus testemunhos ao interlocutor/escriva que, em conformidade com Chaves, imprime ao texto “o motivo da *viagem* servindo para deflagrar no espaço da memória a atualização do passado, assegurando assim a relativa unidade da seqüência episódica” (1982, p. 102). Sendo o ponto de vista primordialmente masculino, a concepção da mulher enquanto personagem ficcional [e por que não dizer real?], não é renovada ou inovada de todo. Ao interlocutor/escriva e, mais atualmente, ao leitor, cabem a tarefa de interpretação da trama e a visão, então, exposta acerca da figura feminina.

Ainda em relação à abordagem das figuras ficcionais em *Contos gauchescos*, embora não sejam “os donos do poder (proprietários de terras e chefes militares) que recebem a aura heróica, mas sim o simples peão, detentor dos atributos de valentia e honradez, e capaz de perceber a fraqueza dos grandes”, é relativizada a visão do vencedor, pois “é a sua história (de um simples peão) que é narrada como parte integrante da história do Rio Grande do Sul, dando-lhe a densidade e a dignidade que não possuía quando considerado apenas ‘bucha de canhão’ ou ‘trabalhador servil’, dentro da perspectiva ideológica tradicional” (BITTENCOURT, 1999, p. 27). Mesmo procedente à inversão da visão do vencedor para a do peão pobre, na obra simoniana é possível deparar-se com a manutenção da visão masculina dicotômica em relação à mulher: o anjo ou o demônio, que se comporta, age ou reage (ou não), dentro do grupo no universo ficcional.

Historicamente, em uma perspectiva de resgate da tradição literária e do cânone, Regina Zilberman expõe o fato de que dentro da ficção (assim como na vida em sociedade), no Rio Grande do Sul:

sem qualquer legitimidade e reconhecimento social, mesmo entre as classes dominantes, a mulher não tinha na literatura nenhum aliado. Não era personagem interessante, não se registrando, dentre os ficcionistas do século XIX, qualquer figura feminina de destaque: ou são pálidas amadas dos heróis, filhas ou irmãs de grandes médicos ou proprietários rurais em época de casar, ou são elementos colaterais da trama, de caracterização epidérmica e participação ocasional. (ZILBERMAN, 1985, p. 77)

Tal tradição literária corroborou o apagamento da mulher ou, quiçá, atribuiu-lhe um mero papel que, subalterno, a caracterizasse como elemento menor:

[...] embora os poetas mencionem amores e abandonos, solidão e ânsia de morte, decorrente da desilusão afetiva, está ausente, por sublimado, o erotismo feminino. A paixão, se existe, dá-se num ambiente descarnado, em que as imagens neutralizam o desejo. Este se apresentará na ficção de um autor, e regionalista: João Simões Lopes Neto.

Com efeito, é ele quem sugere, num conto como “O negro Bonifácio” (dos *Contos gauchescos*, 19120, a manifestação da paixão feminina, que, contrariada, pode motivar a mutilação do parceiro. [...])” (ZILBERMAN, 1985, p. 79).

De significado afetivo e enfático, a *terra natal* vem a reivindicar um modelo integrativo, o qual “serve para o desenvolvimento dos mitos originais: vida em comunidade, simples e geralmente rural, que é definida através de uma harmonia entre o entorno e o amparo de influências externas” (SCHUMANN, 2013, p. 249). É possível perceber a busca por uma uniformização para essa construção, também social e identitária, e a perpetuação, mesmo que parcialmente, das tradições. Simões Lopes Neto inova, sem sombra de dúvidas, o que a tradição regionalista propunha (e propõe), contudo, deve-se questionar essa função do discurso literário regional, enquanto forma de manutenção da ideologia patriarcal.

Em relação a conceitos tradicionais, o “sistema de gênero de nossa sociedade e a forma como este influencia e determina a identidade dos sujeitos sociais de acordo com o sexo” (SCHNEIDER, 2000, p. 119), por sua vez, também se faz presente na obra simoniana, no universo ficcional dos *Contos gauchescos*, de modo que, mais especificamente,

o sistema de gênero é um sistema de representação que caracteriza e dá significado ao sujeito dentro da teia social. Um dos aspectos problemáticos das organizações de gênero do sistema patriarcal reside em sua organização assimétrica. O sujeito

masculino é sempre definido a partir de uma posição central, de maneira mais positiva e independente do que o feminino. Essa relação desequilibrada é resultado de uma visão filosófica de opostos absolutos, onde o masculino é tomado como paradigma da existência humana. O que não é masculino (ou seja, o feminino) existe apenas em relação a ele, devendo assumir posições marginais, o *status* do Outro (SCHNEIDER, 2000, p. 119-120).

A partir da constatação de que o feminino estabelece-se a partir do masculino, propriamente na visão e concepção masculinas do feminino, este ensaio, detém-se no conto intitulado “O negro Bonifácio”, cuja personagem principal, embora o título referencie um nome masculino, recaia na figura de Tudinha, cuja situação proposta é a de vingança por parte da protagonista, culminando num ato de extrema violência.

Quem apresenta as personagens e tece comentários acerca das mesmas é o fio condutor de todos os contos: Blau Nunes. No conto, a narração é feita em 3ª pessoa, e o narrador dirige-se a um hipotético interlocutor, de tanto em tanto, com a expressão ‘escuite’. A partir da visão da voz narrativa masculina, é feita a descrição pormenorizada de Tudinha, a “chinoca mais candogueira” daqueles pagos, assim como também é descrito o negro Bonifácio. E é esse olhar (e julgamento), o ponto de vista de Blau Nunes, que vem a caracterizar tanto a personagem feminina, quanto a masculina:

... Si o negro era maleva? Cruz! Era um condenado! ...mas, taura, isso era também! Quando houve a carreira grande, do picaço do major Terêncio e o tordilho do Nadico (filho do Antunes gordo, um que era rengo), quando houve a carreira, digo, foi que o negro mostrou mesmo pra o que prestava...; mas foi caipora.

Escuite.

A Tudinha era a chinoca mais candongueira que havia por aqueles pagos. Um cajetilha da cidade dum vez que a viu botou-lhe uns versos mui lindos – pro caso – que tinha um que dizia que ela era uma

“..... chinoca airosa,

Lindaça como o sol, fresca como uma rosa!...” (LOPES NETO, 2002, p. 23).

Logo, constata-se que, no plano descritivo, assim como também no simbólico, como via de regra, a vida das mulheres reduz-se a “ser objeto da representação masculina, e não sujeitos do processo representativo: e as mulheres tradicionalmente defrontaram-se com representações do feminino construídas a partir do olhar masculino” (SCHNEIDER, 2000, p. 120); essa visão é promotora da manutenção do mito patriarcal, em que se instaura, regionalmente, a figura de um tipo feminino em contraste com o masculino:

Conforme Chaves (1982, p. 105),

o título é quase uma armadilha, um engano intencional: o eixo deste conto não é o negro, nem qualquer dos seus antagonistas, porque a verdadeira personagem é uma mulher; ela gera os acontecimentos; sobre ela se volta desde o início, a observação do narrador. Se não o repararmos é porque justamente o texto equilibra dois níveis – o episódico aparente e o psicológico, reservado a uma de suas personagens e, até certa altura, imbricado em detalhes e palavras cujo significado pleno não se traduz de imediato.

Da personagem feminina conhece-se quase tudo, o interior e o exterior, enquanto das personagens masculinas apenas a aparência exterior fica mais evidente. Tudinha é a perdição, figura de desejo, inclusive do elemento “de fora”, e motivo de versos. A caracterização como “chinoca”, entendendo-se ao mesmo tempo, e dubiamente, como uma caboclinha ou como uma mulher

de vida fácil, e como “candongueira”, comparando-a ao animal arredio e “manhoso que foge com a cabeça, quando se quer por-lhe o freio, o bucal ou tosá-lo” (CARDOSO NUNES, 1994, p. 34), insinua a composição de uma personagem artilosa e de comportamento animalesco, como se comprova no seguinte trecho do “causo”: “E o sujeito quis retouçar, porém ela negou-lhe o estribo, porque já trazia mais de quatro pelo beicho, que eram dali, da querência, e aquele tal dos versos era teatino...” (LOPES NETO, 2002, p. 23). Verifica-se, aqui, também, a rejeição ao estrangeiro – o “teatino” – que, não pertencente à *terra natal*, tampouco se qualifica ou se enquadra nos padrões, nem do espaço, nem do círculo social.

E a descrição da personagem, no início da narrativa, dá contorno ao tipo feminino idealizado e, ao mesmo tempo, coberto por uma aura de mistério, de dubiedade e indefinição:

Alta e delgada, parecia assim um jerivá ainda novinho, quando balança a copa verde tocada de leve por um vento pouco, da tarde. Tinha os pés pequenos e as mãos mui bem torneadas; cabelo cacheado, as sobrancelhas finas, nariz alinhado.
Mas o rebenqueador, o rebenqueador... eram os olhos!...
Os olhos da Tudinha eram assim a modo olhos de veado-virá, assustado: pretos, grandes, com luz dentro, tímidos e ao mesmo tempo haraganos... pareciam olhos que estavam sempre ouvindo... ouvindo mais, que vendo...
Face cor de pêssego maduro; os dentes brancos e lustrosos como dente de cachorro novo; e os lábios da morocha deviam de ser macios como treval, doces como mirim, frescos como polpa de guabiju...
E apesar de arisca, era foliona e embuçalava um cristão, pelo só falar, tão cativo...
(LOPES NETO, 2002, p. 23-24).

A protagonista e a mãe, sia Fermina (“ainda fazia um fachadão”), foram às carreiras. Também foram os quatro namorados de Tudinha, sendo um deles o Nadico (“o mais de todos”) e “sem ninguém mais esperar, também apareceu o negro Bonifácio. É assim que o diabo as arma...”:

O negro não vinha por ela, não; antes mais por farrear, jogar e beber: ele era um perdaço pela cachaça e pelo truco e pela taba.
E bem montado, vinha, num bagual lobuno rabicano, de machinhos altos, peito de pomba e orelhas finas, de tesoura; mui bem tosado a meio cogotilho, e de cola atada, em três tranças, bem alto, onde canta o galo!...
Ena garupa, mui refestelada, trazia uma chirua, com ar de querendona...
Eta! Negro pachola! (LOPES NETO, 2002, p. 24)

O negro, por sua vez, que já viera acompanhado, provoca novamente Tudinha jogando nas carreiras contra o cavalo do Nadico:

- i. Ora bem; depois de se mostrar um pouco, o negro apeou a chirua e já meio entropigaitado começou a pastorejar a Tudinha... e tirando-se dos seus cuidados encostou o cavalo rente no dela e aí no mais, sem um – Deus te salve! – sacudiu-lhe um envite para uma paradita na carreira grande. A piguancha relanceou os seus olhos de veado assustado e não se deu por achada; ele repetiu o convite da aposta e ela então – depois explicou – de puro medo aceitou, devendo ganhar uma libra de doces, si ganhasse o tordilho. O tordilho era o do Nadico.
- ii. Ficou fechado o trato. (LOPES NETO, 2002, p. 25)

Segundo Chaves (1982, p. 106), toda a tensão do relato,

9 Conforme o *Minidicionário guasca*, teatino “aplica-se à pessoa que anda fora de sua terra, longe de sua querência, como animal sem dono”. (CARDOSO NUNES, 1994, p. 147).

essa intuição transmitida ao leitor de que alguma coisa represada pode estourar a qualquer momento, deriva exclusivamente da caracterização da personagem feminina, reside nos olhares que se cruzam e desviam, na reiteração contraditória – “olhos de veado assustado” ou “olhos como pra gente que já os conhecesse?” –, reside também no riso cortado em meio, na impossibilidade de determinar logicamente uma qualidade imponderável que só pode, enfim, ser expressa por via metafórica: ‘Mas o rebenqueador, o rebenqueador... eram os olhos!... Emaranhando-se já pela falsa pista do título, adquirindo a verdadeira dimensão neste precário equilíbrio dos olhares tímidos que se transformam em açoites, das palavras que pressentidas não chegam a ser ditas, o discurso converge para uma só personagem, seu núcleo está ancorado na enigmática ambigüidade da mulher por quem os machos se estraçalham.

Aceita a aposta, “ganhou, de fiador, o do Nadico, o tordilho”, e Tudinha, ao boliche, “lá foi, de charola”. Também vai o negro Bonifácio, para pagar a “morocha”, pois se “havia perdido, pagava”: “A morocha parou em meio um riso que estava rindo e firmou nele uns olhos atravessados, esquisitos, olhos como pra gente que já os conhecesse... e como sentiu que o caso estava malparado, para evitar o desaguisado”, disse para entregar à sua Fermina o lenço de sequilhos. Enraivecido, estende-lhe novamente o braço, “oferecendo o atado dos doces”. Inicia a confusão: Nadico retira-lhe a trouxinha da mão e a usa para bater na cara do negro Bonifácio. Envolvem-se na “peleia” os outros namorados de Tudinha, uma vez que todos tinham contas a ajustar com “aquele tição atrevido”. Junta-se à confusão sua Fermina, que jogou água quente no negro e este, depois de urrar, atravessou-a com o facão. Ao mesmo tempo, um bolaço atirado por um homem acertou a cabeça do negro, que caiu. Tudinha, que não chorava mais pelo Nadico morto e pela mãe Fermina, que estava estrebuchando, com muita raiva, saltou sobre Bonifácio, tirou-lhe o facão e vazou os olhos dele. Depois, cravou o facão debaixo da bexiga “- e uma, duas, dez, vinte, cinqüenta vezes cravou o ferro afiado, como quem espicaça uma cruzeira numa toca... como quem quer reduzir a miangos uma prenda que foi querida e na hora é odiada!...” (LOPES NETO, 2002, p. 28).

Concluído o massacre, Blau Nunes retoma a palavra e, então, é apresentado o verdadeiro motivo – “uma razão lógica”, conforme Flávio Loureiro Chaves – como explicação aos episódios sucedidos, “explicação que ele próprio obteve muito depois, investigando e reconstituindo o passado” (CHAVES, 1982, p. 106), e que se resume em um único parágrafo:

Mais tarde vim a saber que o negro Bonifácio fora o primeiro a... a amanonsear a Tudinha; que ao depois tomara novos amores com outra fulana, uma piguancha de cara chata, beíquada; e que naquele dia, para se mostrar, trouxera na garupa a novata, às carreiras, só de pirraça, para encanzinar, para tourear a Tudinha, que bem viu, e que apesar dos arrastados de asa daquela moçada e sobretudo do Nadico, que já a convidara para se acolherar com ele, sentira-se picada, agoniada da desfeita que só ela e o negro entendiam bem... por isso é que ela ficou como cobra que perdeu o veneno. (LOPES NETO, 2002, p. 28).

É possível apreender da história um vínculo entre a mulher [Tudinha] e o desequilíbrio mental, um estado de loucura temporária, de forma que ela se configura como uma desajustada, a fim de se adaptar ao meio. Não se esperaria de uma representante do sexo feminino tamanha brutalidade, mas que se explica por ter uma

identidade menos definida, mais fluida, em mulheres não deveria, como tradicionalmente acontece, ser imediatamente taxada de patológica, já que, em muitos casos, essa fluidez pode indicar uma forma de preservação psicológica da mulher dentro de uma sociedade patriarcal (SCHNEIDER, 2000, p. 122).

Posto que a identificação da mulher ocorre através do vínculo materno e oscila com o desejo de posse do *status* social paterno, a flutuação identitária é justificada.

A temática verdadeira do conto, consoante apontamentos de Flávio Loureiro Chaves, é a *mulher rabiosa*, “incognoscível e indomável”, a qual não se situa apenas como “foco gerador da violência e da desmedida dos machos (o negro e todos os seus antagonistas); ela também surge como a causa das dúvidas, dos silêncios, das reticências, isto é, da área problemática que Blau Nunes não sabe resolver” (1982, p. 109), logo ela é intuída como um animal selvagem. Como não obedece aos códigos de feminilidade vigentes, no que diz respeito ao seu comportamento, a personagem Tudinha sofre esse processo de animalização, de desvario, de descontrole sobre suas emoções quando chega à situação limite. Tal comportamento, em uma situação real, e sendo possível sua transposição ao ficcional, pode ser explicado por Schneider: “Através do que é definido como seu ‘desequilíbrio’, as mulheres podem, por conseguinte, desconstruir conceitos de feminilidade pertencentes a um sistema de gênero opressor” (SCHNEIDER, 2000, p. 124).

O mundo do vaqueano é o da ação, compreendendo-se aquilo que pode ser “domado, toureado, dominado e possuído. O ato da castração, praticado pela mulher, torna-se aqui o requinte da violência devastadora, mas adquire também o sentido simbólico da ruptura, da mutilação definitiva, da separação intransponível, eliminando toda hipótese de união dos contrários” (CHAVES, 1982, p. 109-110). Poder-se-ia ir além e dizer que a mulher toma para si o lugar do homem no universo ficcional, o papel dele enquanto sujeito agente e capaz de subverter o sistema dominante.

Embora as incertezas de Blau Nunes e suas hesitações em relação às razões da protagonista revelem a visão masculina, talvez essa percepção não estivesse pronta para lidar com os revéses em relação à imagem feminina estigmatizada, uma vez que essa *visão de mundo* é a do vaqueano:

Até hoje me intriga, isto: como uma morena, tão linda, entregou-se a um negro, tão feio?...

Seria de medo, por ele ser mau?... Seria por bobice de inocente?... Por ele ser forçado e ela, franzina?... Seria por...

Que, de qualquer forma ela vingou-se, isso, vingou-se...; mas o resto que ela faz no corpo do negro? Foi como um perdão pedido ao Nadico ou um despique tomado da outra, da piguancha beijuda?

Ah! Mulheres!...

Estancieiras ou peonas, é tudo a mesma cousa... tudo é bicho caborteiro...; a mais santinha tem mais malícia que um sorro velho... (LOPES NETO, 2002, p. 28).

Finda-se por questionar: a figura feminina, quando não compreendida, recai sobre a concepção de serem as mulheres todas as mesmas? Se ao narrador/personagem foi dado o poder de idealizar o feminino, a partir da observação dum caso particular, tem-se a “aquisição de uma determinada noção do feminino, derivada da personagem que, se foi individuada no curso do relato, volta a ser generalizada agora: *bicho caborteiro*” (CHAVES, 1982, p. 110). Mais do que uma visão particular, através da literatura, os tipos – o gaúcho, o nordestino, o estrangeiro, a mulher – são instaurados.

Ainda no que diz respeito ao arquétipo feminino, em “O negro Bonifácio”, é Tudinha quem decide seu destino e toma para si a ação. Segundo Chaves, sob o ponto de vista sociológico, ela é a contradição do mundo social que transparece e, “a sociedade machista, patriarcal e conservadora privilegiou o protótipo masculino, sublimando em princípios e valores éticos aqueles atributos da coragem pessoal, da valentia, da afirmação violenta de masculinidade” e, a mulher,

por ser excluída da esfera da ação, é fetichizada, tornando-se o “limite” do homem: “por isto é inacessível e identificada ao pecado, ao demoníaco; por isto, ainda, centraliza uma área de ‘desequilíbrio’, cuja última consequência é a associação de sua figura com a destruição e a morte” (1982, p. 120). Dessa maneira, na observação do particular regionalizado e sua expressão simbólica, resta à personagem feminina sucumbir; senão, quando subverte, enlouquecer.

Referências

- ARENDRT, João Cláudio. O imaginário social em João Simões Lopes Neto. *Métis: História & Cultura*, Caxias do Sul, v. 2, n. 4, jul./dez. 2003.
- BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. *O conto sul-rio-grandense: tradição e modernidade*. Porto Alegre: UFRGS, 1999.
- CANDIDO, Antonio. Entre campo e cidade. In: *Tese e Antítese*. São Paulo: nacional, 1964, p. 31-56.
- CARDOSO NUNES, Zeno e Rui. *Minidicionário guasca*. 8. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.
- CÉSAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul: 1737-1902*. 2.ed. Porto Alegre: Globo, 1956; 1971
- CHAVES, Flávio Loureiro. *Matéria e Invenção - Ensaios de Literatura*. Porto Alegre: UFRGS, 1994.
- _____. *Simões Lopes Neto: regionalismo & literatura*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- FAÉ, Geneviève. Regionalidade em Simões Lopes Neto: fortuna crítica. *REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários*, Vitória, s. 2, ano 7, n. 8, 2011. Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/reel/article/viewFile/3691/2920>. Acesso em: 01 maio 2014.
- MECKLENBURG, Norbert. Regionalismo literário em tempos de globalização. In: In: ARENDRT, J. C.; NEUMANN, G. R. (Org.). *Regionalismus – regionalismos: subsídios para um novo debate*. Caxias do Sul: Educs, 2013, p. 173-195.
- MIGUEL-PEREIRA, Lucia. *Prosa de Ficção: História da Literatura Brasileira (de 1870 a 1920)*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.
- LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- POZENATO, José Clemente. Algumas considerações sobre região e regionalidade. In: _____. *Processos culturais: reflexões sobre a dinâmica cultural*. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.
- RUBERT, Nara Marley Aléssio. Simões Lopes Neto e o nome do Rio Grande do Sul no cenário nacional. *Cadernos do IL*. Porto Alegre, n. 43, dezembro de 2011. p. 333-344. Disponível em: <http://www.google.com.br/?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=6&cad=rja&uact=8&ved=0CE-kQFjAF&url=http%3A%2F%2Fseer.ufrgs.br%2Fcadernosdoil%2Farticle%2Fdownload%2F25311%2Fpdf&ei=0RmLU6DGD6rmsATZzoDQDA&usg=AFQjCNG-l1ChribIcp-CcTYKKu-VKQwWMjg&bvm=bv.67720277,d.cWc> Acesso em: 01 maio 2014.
- SANTOS, Rafael José dos. Relatos de regionalidade: tessituras da cultura. *Antares*, n. 2, jul-dez 2009. Disponível em:
- Diadorim*, Rio de Janeiro, Revista 17 volume 1, p. 114-128, Julho 2015.

<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/399/328>. Acesso em: 24 mar. 2014.

SCHNEIDER, Liane. A representação do feminino como política de resistência. In: PETERSON, M.; NEIS, I. (Org.). *As armas do texto: a literatura e a resistência da literatura*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000, p. 119-139.

SCHUMANN, Andreas. Tradições estruturais da identidade regional. In: ARENDT, J. C.; NEUMANN, G. R. (Org.). *Regionalismus – regionalismos: subsídios para um novo debate*. Caxias do Sul: Educs, 2013, p. 237-254.

STÜBEN, Jens. Literatura regional e literatura na região. In: ARENDT, J. C.; NEUMANN, G. R. (Org.). *Regionalismus – regionalismos: subsídios para um novo debate*. Caxias do Sul: Educs, 2013, p. 37-73.

ZILBERMAN, Regina. *Literatura gaúcha*. Temas e figuras da ficção e da poesia do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: L&PM, 1985.